



FILOSOFIA CLÍNICA: PENSAR A ARMADILHA CONCEITUAL COMO UM JOGO DE LINGUAGEM

Silvano Severino Dias¹

RESUMO:

O objetivo deste estudo é analisar o significado semântico do termo armadilha conceitual, assim como o existencial. Enquanto significado semântico, armadilha conceitual consiste em um padrão de ação e comportamento construído pelo indivíduo na relação com o mundo. Por outro lado, na perspectiva existencial, pode ser compreendido como o significado das ações e comportamentos do indivíduo que objetivam expressar o porquê da sua existência. Nessa perspectiva, as respostas dadas por ele a si mesmo são mediadas pela linguagem — instituinte e constitutiva — que tece as relações intersubjetivas, e modela o seu modo de ser e pensar. Mesmo que estes entrelaçamentos sejam próprios de cada organismo humano, diante de circunstâncias que os indivíduos respondem, eles configuram-se de diferentes maneiras em suas malhas intelectivas. Dessa forma, quando o indivíduo age, repetidamente, provocando uma sensação de desconforto e conflito em sua malha intelectual, ele está vivenciando um processo denominado armadilha conceitual.

Palavras-chave: Filosofia da linguagem. Filosofia clínica. Armadilha conceitual. Linguagem. Comunicação. Atos de fala.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem constitui os vários modos de ser do indivíduo, por entrelaçar a sua estrutura de pensamento (EP)². Ela se encontra instalada nos tópicos³ — de forma espontânea; não submetida a regras. A sua potencialização em gestos, em atos e em comportamentos, é originada por meio de hábitos, ações repetitivas, que podem gerar situações de prazer, de conforto e de bem estar pessoal, ou de mal estar existencial.

O indivíduo constrói a sua existência mediada pelas significações e sentidos, que atribui às circunstâncias que vivencia. Essas podem ser vivenciadas de diferentes modos,

¹ Professor de Filosofia da PUC Minas e da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais; mestre em educação e especialista em Filosofia, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e Licenciado em Filosofia, pelas Faculdades Claretianas de Batatais – SP. Este artigo foi produzido como requisito parcial para a qualificação em especialista em filosofia clínica - certificado B)

² A Estrutura de Pensamento é o modo como a pessoa está existencialmente; é tudo aquilo que o constitui a partir da relação dele com o mundo – suas crenças, valores, emoções etc, e a maneira como esses conteúdos estão associados nele. É o seu modo existência. E é, a partir do relato história de vida, narrada pelo próprio partilhante, que o filósofo clínico irá desenvolver uma metodologia para a compreensão do mundo do partilhante. (PACKTER, 1997, p. 23-25).

³ A palavra tópico deriva do termo grego Topoi, que significa em português lugar, ou seja, o lugar no sujeito que habitam determinados e variados gêneros de conteúdos – emoções, conhecimentos, Pré-juízos etc. São os conteúdos das descrições que o partilhante menciona sobre o(s) ambiente(s), o mundo em que vive, e que o habita. (PACKTER, 1997, p. 27-29).



mas sempre depende de como cada indivíduo singularmente reage a elas, decorrência das relações que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com os objetos e coisas (que constituem o mundo) e com os seus processos de transcendências, constituem o seu modo de ser no mundo. Neste sentido, os indivíduos interpretam e atribuem sentidos às suas experiências concretas e reais, e agem conforme certos hábitos — obedecendo uma lógica repetitiva —, que reduz a dinâmica de suas vidas e os fazem sentir uma situação de desconforto, de incômodo existencial.

A compreensão desse incômodo pode estar associada a vários tópicos da estrutura de pensamento (EP) do indivíduo, mas aqui buscou-se evidenciar o tópico armadilha conceitual. Para direcionar este estudo, foi formulada a seguinte questão problema: como os indivíduos criam, para si mesmos, armadilhas conceituais? Como elas se configuram? A organização dessas respostas será estruturada em três momentos. No primeiro momento, serão narrados e descritos as origens e os métodos da Filosofia Clínica, em um segundo momento, o sentido da significação do conceito de armadilha conceitual, pautado nas perspectivas da filosofia da linguagem e de Lúcio Packter e, em um terceiro momento, serão apresentadas as configurações - as teias tecidas pelas armadilhas conceituais nas EPs dos indivíduos - tendo como referência a perspectiva dos fundamentos da Filosofia Clínica.

2 A FILOSOFIA CLÍNICA: origem e métodos e o sentido da significação do conceito de Armadilha Conceitual

2.1 A Filosofia Clínica: origem e funcionamento

Na década de 80, do século XX, Lúcio Packter criou uma prática terapêutica intitulada ‘Filosofia Clínica’, cujo propósito é compreender o conjunto de saberes e verdades sobre a natureza humana do partilhante, por meio da narrativa de sua história de vida. E, como isso acontece? Para Packter (Cadenó A, p. 8):

[...] o filósofo quer apenas documentar a história da pessoa contada por ela mesma; ele reserva sua participação, nesta parte inicial, a um “agendamento mínimo” no qual apenas solicita à pessoa a continuação de sua narrativa. Não são permitidos saltos temporais nem lógicos pela simples razão de se ter um relato compreendido, inteiro, tão completo e ordenado quanto for isso possível.

E o desenvolvimento dessa abordagem está ancorada no conjunto de saberes e de conhecimentos presentes na História da Filosofia, que estabelece interfaces com outras



áreas do conhecimento humano, tais como: a Farmacologia, a Psiquiatria e a Medicina. A proposta de interseção dessas áreas de conhecimentos com a filosofia somente foi possível, porque Packter possui formação acadêmica em Medicina.

Após um período de reflexão e organização de estudos, experiências e aplicação dessa práxis filosófica, segundo Medeiros (2017, p. 90), iniciou-se a difusão e formação dos primeiros filósofos clínicos, a partir da criação do curso de especialização em Filosofia Clínica, que está estruturado em três eixos: o primeiro, diz respeito à reconstrução da perspectiva humanista, que remonta o pensamento grego, as filosofias de Schopenhauer e de Nietzsche, da fenomenologia, da filosofia da linguagem e da Filosofia da mente; o segundo, está centrado nas categorias existenciais, com a apresentação de um catálogo das categorias que compõem a estrutura de pensamento (EPs) dos indivíduos, assim como os seus desdobramentos na aplicação dos submodos, diante das demandas existenciais próprias de cada indivíduo. Por fim, no terceiro eixo, busca-se uma interface dos demais itens com o estudo da matemática simbólica e seus desdobramentos.

Em sua fundamentação filosófica humanista, a Filosofia Clínica parte do pressuposto de Protágoras de que “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são”. (PLATÃO, 2007, p. 57). A primeira lição decorrente dessa afirmação é a de que “aquilo que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina, faz — isso é assim para ela —, independente de ser compartilhado com outras pessoas, de ser aceito, criticado, ironizado, proibido e assim por diante”. (PACKTER, 1997, p.5).

Depois de Protágoras, Schopenhauer (2005, p. 43) retornou a esta temática, e a assentou da seguinte maneira:

O mundo é minha representação. Esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica. Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra.

Além de Schopenhauer, Nietzsche (2008, p.25) afirmou que:

Em algum remoto recanto do universo, que se deságua fulgorantemente em inumeráveis sistemas solares, havia um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da “história universal”: mas, no fim das contas, foi apenas um minuto. Após alguns suspiros da natureza, o astro congelou-se, e os astuciosos animais tiveram de morrer. Alguém poderia, desse modo, inventar uma fábula e ainda assim não teria ilustrado suficientemente bem quão lastimável, quão sombrio e efêmero, quão sem rumo e sem motivo se destaca o intelecto humano no interior da natureza; houve



eternidades em que ele não estava presente; quando ele tiver passado mais uma vez, nada terá ocorrido. Pois, para aquele intelecto, não há nenhuma missão ulterior que conduzisse para além da vida humana. Ele é o contrário, humano, sendo que apenas seu possuidor e gerador o toma de maneira tão patética, como se os eixos do mundo girasse nele.”

Embora esses autores afirmem que as verdades de uma pessoa não são as mesmas de outras, e que elas também expressam o modo como cada pessoa as compreende e as vive, a Filosofia Clínica afirma que há dois tipos básicos de verdades. Aquela que habita o coração, suas células, você; e uma outra verdade, convencionada, estabelecida em conjunto por todas as pessoas. (PACKTER, 1997, p. 7).

Esta perspectiva humanista, que acentua o primado do (indivíduo) — partilhante na clínica — pode ser encontrada nas diversas correntes filosóficas, que compõem a História da Filosofia: indo da antiguidade à Filosofia Contemporânea: fenomenologia, estruturalismo, filosofia analítica e filosofia da mente. É nela, que a Filosofia Clínica fundamentou-se para sistematizar, organizar e edificar a sua prática clínica.

Tendo essa perspectiva como referência, Packter afirmou que o indivíduo, para a Filosofia Clínica, é formado por uma “plasticidade”, pois a sua identidade se organiza conforme o desenvolvimento de sua estrutura de pensamento (EP). (MEDEIROS, 2017, p. 91). Sendo assim, a estrutura de pensamento de cada indivíduo não se define como sendo uma estrutura estática, mas como um processo dinâmico — como aos fenomenologias de Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger, Sartre, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Simone de Beauvoir e Nietzsche compreenderam, isto é, como produto das relações do ser humano com o meio, aberto às novas possibilidades, que o possibilitará desenvolver o seu modo de ser no mundo. (MEDEIROS, 2017, p. 91).

Assumindo este aporte teórico como referencial de sua prática, o filósofo clínico inicia o processo terapêutico com uma entrevista inicial, que tem por objetivo tanto definir uma interseção entre o partilhante e ele, quanto de acolher o que o partilhante traz como assunto imediato. Com isso começa a pesquisar, imediatamente, as inter-relações associadas ao assunto. (PACKTER, 1997).

Em seguida, o filósofo clínico propõe que o partilhante faça uma narrativa de sua historicidade, ou seja, que ele conte a sua história por ele mesmo. Partindo de uma postura de suspensão de juízos sobre o relatado, o filósofo clínico acompanha a narrativa, evitando interferências que deturpem a história do partilhante; limitando-se a utilizar as expressões como: então? E daí? O que mais? (PACKTER, 1997).



Nesta narrativa é preciso que o filósofo clínico acompanhe como o assunto imediato relaciona-se com o contexto, os aspectos relevantes narrados pelo partilhante, pois este contexto (circunstância) traduzirá como o partilhante vivencia sensorialmente ou vivenciou um determinado meio (lugar), assim como ela sentiu, descreveu as suas experiências temporais (tempo). Recolher esses dados é preciso para compreender as relações determinantes e significativas, vivenciadas pelo partilhante em um determinado meio (relações). (PACKTER, 1997).

A partir de então, de posse dessa espécie de “biografia do indivíduo”, “história de vida”, é que o trabalho clínico é realizado. É o momento em que o filósofo clínico procurará dados de expressões mais acessíveis e ricos que o indivíduo descreveu, para iniciar o processo de análise dos tópicos que compõem a sua estrutura de pensamento. (PACKTER, 1997). Essa análise tem como objetivo compreender a estrutura do estado existencial do partilhante em função de sua funcionalidade, ou seja, como os conteúdos que o habita estão associados; o modo como ele(a) percebe a si mesmo(a), os outros, o mundo à sua volta.

Para se desenvolver a análise da estrutura de pensamento do partilhante, o filósofo clínico observa os seguintes tópicos: T1. Como o mundo parece; T2. O que acha de si mesmo; T3. Sensorial e abstrato; T4. Emoções; T5. Pré-juízos; T6. Termos agendados no intelecto; T7. Termos: universal, particular e singular; T8. Termos: unívoco e equívoco; T9. Discurso: completo e incompleto; T10. Estruturação de raciocínio; T11. Busca; T12. Paixões dominantes; T13. Comportamento e função; T14. Espacialidade: inversão, recíproca de inversão, deslocamento curto e deslocamento longo; T15. Semiose; T16. Significado; T17. Padrão (armadilha conceitual); T18. Axiologia; T19. Singularidade existencial; T20. Epistemologia; T21. Expressividade; T22. Papel existencial; T23. Ação; T24. Hipótese; T25. Experimentação; T26. Princípios de verdade; T27. Análise da estrutura; T28. Interseções de EP; T29. Dados da matemática simbólica; T30. Autogenia.

Além desses tópicos, o processo de análise se desdobra sobre mais 32 submodos, que são: S1. Em direção ao Termo ou conceito Singular; S2. Em direção ao Termo ou Conceito Universal; S3. Em direção às sensações; S4. Em direção às Ideias Complexas; S5. Esquema resolutivo; S6. Em Direção ao Desfecho; S7. Inversão; S8. Recíproca de Inversão; S9. Divisão; S10. Argumentação Derivada; S11. Atalho; S12. Busca; S13. Deslocamento Curto; S14. Deslocamento Longo; S15. Adição; S16. Roteirizar; S17. Percepcionar; S18. Esteticidade; S19. Esteticidade Seletiva; S20. Tradução; S21. Informação Dirigida; S22. Vice Conceito; S24. Retroação; S25. Intencionalidade



Dirigida; S26. Axiologia; S27. Autogenia; S28. Epistemologia; S29. Reconstrução; S30. Análise Indireta: Ação, Hipótese e Experimentação; S31. Expressividade; e S32. Princípios de Verdade.

Cabe ressaltar que a estrutura de pensamento do partilhante é constituída tanto conexões tópicas, que lhe causa situações agradáveis, prazerosas, quanto vivências de conflitos. No entanto, os indivíduos que buscam a clínica filosófica, quase sempre, vivenciam conflitos em suas malhas cognitivas. Neles, estes conflitos se manifestam de várias maneiras, e de acordo com o modo como se relacionam consigo mesmo e com o mundo, pois eles constituem-se como ser de relação. Por isso, Packeter (Caderno A, p. 9) afirmar que após a colheita da história de vida do partilhante é necessário que o filósofo clínico use os “processos divisórios com o objetivo de pesquisar demoradamente segmentos relevantes do histórico”, para destacar os “segmentos relevantes”.

E a relevância da escolha de análise de um segmento passa caracteriza-se, de acordo com Packter (Caderno A, p. 9) por ser: “a. Partes aparentemente contraditórias; b. Segmentos frágeis do ponto de vista narrativo; c. Saltos temporais, e d. Indicações problemáticas a partir do Assunto Imediato ou dos exames categoriais”. Esse processo visa compreender as informações que estabelecem “a correspondência entre forma e conteúdo (termo e conceito)” e, assim como as “associações fundas entre os conceitos, vivências, o uso específico e contextual do conceito, dados epistemológicos, éticos, emocionais etc etc etc..”. (PACKTER, Caderno A, p. 9).

O processo de análise da EP do partilhante pode ser desenvolvido não somente por meio de uma análise organizacional, ou seja, como conjunto de verdades e saberes estão organizados em sua EP. Para Packter (Caderno A, p. 10), é necessário compreender também como esta EP funciona; a relação dela em sua totalidade — a relação dos conteúdos que a habitam em sua relação com mundo. Para ele, esta manifestação torna-se mais evidente quando analisada a partir da lógica da matemática simbólica, que expressa a representação gráfica dos tópicos na Estrutura de Pensamento do partilhante.

Posto isto, este estudo analisa, dentre as categorias que compõem a estrutura de pensamento dos indivíduos, o tópico armadilha conceitual.

2.2 O sentido da significação de Armadilha Conceitual



Os indivíduos, como partilhantes de suas histórias de vida trazem suas tensões, seus medos, suas perdas, suas incompreensões, seus dilemas existenciais etc, que afetam os seus comportamentos, as suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com o outro, com as coisas que constituem o mundo.

Para Packter, a compreensão dos conflitos existenciais dos indivíduos é explicitada por meio de análises da estrutura de pensamento (EP) que os constituem, a qual está intrinsecamente ligada ao modo como eles agem e constroem as suas relações.

O criador da Filosofia Clínica ressaltou, em seus Cadernos D e E, que o tópico armadilha conceitual não pode ser compreendido apenas como um conceito isolado da prática clínica, pois é nela que este conceito ganha o seu devido sentido. Mesmo que tenha alertado para isso — em suas aulas —, ele descreveu armadilha conceitual como sendo: “a tendência do sujeito a ser existencialmente repetitivo quando em relação a um determinado contexto objetal. Desta forma, o indivíduo tem milhares de padrões” (Caderno D, p. 32) Ao explicitar como estes padrões emergem, ele afirma que: “o corpo pode ser organizado de modo a viver uma armadilha conceitual. Um padrão que o produza invariável, inevitável.” (Caderno D, p. 32) sendo que, “Por sua própria aprendizagem, o organismo supõe em si mesmo padrões: dores de cabeça, [experimentar a] delícia diante de uma salada de brócolis etc”. (Caderno D, p. 32).

A descrição conceitual dada pelo autor traz referências a vivências, a padrões repetitivos, ao organismo. Como se pode perceber o conceito aqui apresentado é de cunho abrangente, pois tem a função de organizar, estruturar logicamente o conjunto dos saberes e conhecimentos que especifica o trabalho do Filósofo Clínico. No entanto, para se evidenciar e analisar como este conceito foi sendo estruturado, a partir de sua vinculação ao arcabouço teórico da Filosofia Analítica, propõe-se sua análise conceitual como um fato/objeto dessa perspectiva filosófica, inserida no jogo da sintaxe e da semântica.

Neste sentido, para Marcondes (2005, p. 13)

A sintaxe diz respeito às relações entre os signos como unidades básicas no processo de formação de complexos como proposições, abstração feita do significado desses signos. Trata-se assim de uma ciência formal, uma vez que estabelece as regras de formação das proposições a partir das possibilidades de combinação entre os signos.(...)

A Semântica é o estudo do significado dos signos linguísticos, de seu modo de relação com os objetos a que se referem e do valor de verdade das sentenças em que se articulam e que se referem a fatos na realidade (MARCONDES, 2005, p. 13).

Segundo Marcondes (2005, p. 14):



(...) a sintaxe e a semântica faz abstração de variações de uso específicas e considera o significado dos termos independentemente dos usos. A sintaxe faz abstração do significado e considera apenas as classes ou categorias de signos para examinar as regras formais segundo as quais se relacionam.

Este modelo reporta ao pensamento grego clássico, onde Platão e Aristóteles, com o termo metafísica, elaboraram princípios de inteligibilidade da totalidade do real. Foi a partir “deste pano de fundo que Aristóteles articulou a ideia de um saber que investiga o ente enquanto ente e o apresenta como a ciência dos primeiros princípios”. (IMAGUIRE, 2007, p. 7). Esta forma de compreender a realidade foi assumida pelo racionalismo moderno, que reafirma a tese platônica de que,

a verdadeira compreensão da realidade se efetiva por meio de conceitos e ideias, que apreendem o próprio ser de tudo, a realidade como ela é em si mesma, portanto em suas notas essenciais e não simplesmente em sua função em relação ao sujeito. (IMAGUIRE, 2007, p.7).

Esse modo de compreender a realidade possibilitou a Packter evidenciar os motivos de ele ter elaborado os tópicos da estrutura de pensamento dos indivíduos, ou seja, dar inteligibilidade ao seu modelo clínico — Filosofia Clínica. No entanto, ele destacando que

A Armadilha conceitual não é uma coisa solta. Ela está inserida em comportamentos, funções, age com prejuízos, buscas, aparece reiteradas vezes em paixões dominantes, padrões e outras mil raízes (PACKTER, CADERNO E, p. 4).

Em seus Cadernos D, E e H (destinados a formação do Filósofo Clínico), Packter utiliza-se de conceitos e exemplos para descrever a noção de Armadilha Conceitual; à literatura filosófica, e em sua exemplificação traz como referência a noção de jogos de linguagem, de Wittgenstein. (PACKTER, CADERNO D, p. 32). Ele apoiou-se, para definir Armadilha Conceitual, em um conjunto de saberes, conhecimentos e verdades sobre a natureza humana, presentes na tradição da História da Filosofia e do conhecimento científico, assim como para compor o seu referencial de formação do Filósofo Clínico. Contudo, ele ressaltou que, esses conjuntos de verdades e saberes, na clínica eles devem ser investigados a partir do referencial da história de vida do



partilhante, por nela o lugar da prática filosófica. — não sendo, portanto, um lugar de aplicação dos conceitos universais.

Por isso, utilizando-se de um referencial teórico, Packter (Caderno D, p.30) propõe a seguinte analogia para se compreender a noção de Armadilha Conceitual:

Considere um pequeno peixe que tenha vivido no interior do aquário. Um dia, ele começou a sentir existencialmente mal...não sentia mais prazer em estar vivo, as coisas do ambiente não lhe despertavam mais interesse. Apenas se manter vivo era algo aborrecedor.

O médico peixinho disse que precisava de exercício.

Então o filósofo do peixinho disse o seguinte: Era uma vez, um peixinho em uma cadeia. Na verdade, ele não sabe disso, pois nasceu ali e nada além daquilo ele conhecia. Então, todos os problemas que precisasse resolver, ele faria assim: atribuía a algum objeto a questão que definia como um problema; e em seguida buscava dentro das grades, na qual vivia, um modo de resolução. De um modo geral, os problemas surgiam conforme as especialidades lógicas do meio e eram resolvidos também inerentemente conforme tais especificidades. Por exemplo, dado um problema gramatical $[A+B]$, somente se poderia resolvê-lo através de dados que respeitassem a estrutura lógica que conferisse coerência à questão $[A+B]$. Então, às vezes um peixinho poderia passar a vida toda muito infeliz lutando contra os seus irmãos peixinhos, alegando questões religiosas, raciais, econômicas, sexuais, políticas de uma ou mais questão verdadeiramente fundamental: a estrutura carcerária.

A inteligibilidade conceitual esgota o seu sentido em si mesmo, quando explicita o significado de um determinado conceito — a partir de quadros, classes, tratando subsumindo a vivência, a experiência concreta, que compõem a singularidade do indivíduo, a um arranjo conceitual. Por isso, Packter (Caderno D) afirma que é no espaço da clínica que o partilhante expressa os seus reais dilemas e conflitos existenciais e portanto, torna-se perceptível as configurações das redes que a Armadilha Conceitual envolve os indivíduos.

Em contrapartida a esse modelo de inteligibilidade conceitual, que tem como referência sentido semântico do termo, que apreende a realidade como uma totalidade, de maneira a não identificar comportamentos peculiares, próprios de cada indivíduo, pode-se utilizar uma perspectiva pragmática da linguagem⁴. Nesta abordagem, o sentido de um objeto; de um acontecimento; de um fato; de uma palavra; de um discurso ganha relevância — sentido — para o sujeito dentro do contexto existencial concreto em que foi e é vivenciado, pelo indivíduo.

⁴ Para a perspectiva pragmática da linguagem, “o homem é, em última instância, sujeito e objeto de sua busca.” E, como tal, “a compreensão do significado desta busca” só pode ser oferecida por ele mesmo, visto que é em sua relação contextualizada, que este significado se revela. (WATZLAWICK, 1993, p. 246).



3 CONFIGURAÇÕES DA ARMADILHA CONCEITUAL

A constituição da existência do indivíduo não é definida unicamente como “animal social”, tampouco como “ser histórico”, mas por sua dinâmica existencial. Mesmo que o meio — ambiente social e histórico — seja muito importante, por ser nele que cada indivíduo nasce, cresce, desenvolve e realiza a sua existência, pode-se afirmar, como faz Nietzsche (2005), que o indivíduo vive e age impulsionado por “uma força plástica”, ou seja, que

permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstruir por si próprio as formas destruídas. (NIETZSCHE, 2005, p.73)

Não se trata, no entanto, de minimizar as dimensões social e histórica da vida dos indivíduos, mas de reafirmá-las. Até porque elas são fundamentais para a constituição do indivíduo. Segundo Nietzsche (2005, p.75), é possível assinalar-se que “o excesso de história mata o homem, e sem este invólucro de a-historicidade, ele jamais poderia ter começado ou pretendido começar a existir.”

O indivíduo constrói a sua existência nas relações que estabelece consigo mesmo, com o seu corpo, com os outros — indivíduos, objetos, natureza — e com a transcendência, e o instrumento que ele usa para isso é a linguagem, a comunicação. Dessa forma, na medida em que ele utiliza a linguagem, ela vai modelando o seu modo de ser e agir. Portanto, nesse sentido, a linguagem vai moldando o modo existencial do indivíduo.

Em decorrência do exposto, pode-se concluir que a trama dos conflitos vivenciados pelo indivíduo ultrapassa o campo conceitual, e por meio dos seus hábitos, o seu comportamento passa a expressar o seu estilo de vida. Neste sentido, a análise dos conflitos existenciais que cada indivíduo vivencia e modela o seu comportamento — configurando em, verdadeiros, nós existenciais, emaranhados conceituais — segundo Marcondes (2000, p.39), possibilitando uma abordagem do uso da linguagem no cotidiano, que confere sentido e significado particular à vida de cada indivíduo. Essa abordagem é definida como linguagem pragmática, ou ainda, “a pragmática se caracteriza pelo estudo da linguagem em uso”, podendo ainda ser definida como o estudo da “relação dos signos com seus intérpretes” (p. 39), ou seja:



Rudolf Carnap (1938), o lógico e filósofo da ciência de origem alemã com quem Morris trabalhou em Chicago, por sua vez definiu a pragmática como o estudo da linguagem em relação aos seus falantes, ou usuários. Tanto a definição de Morris, quanto a de Carnap, fazem parte da já consagrada distinção geral do campo de estudos da linguagem entre pragmática, que considera a linguagem em seu uso concreto. (MARCONDES, 2000, p. 39).

Ainda nesta perspectiva, Marcondes (2005, p. 13-4) afirma que a dimensão pragmática da linguagem

diz respeito à linguagem em uso, em diferentes contextos, tal como utilizada por seus usuários para a comunicação. É, portanto, o domínio da variação e da heterogeneidade, devido à diversidade do uso e à multiplicidade de contextos.

Neste sentido, é o contexto que confere o significado a linguagem dos indivíduos, porém, isso não significa que a mesma seja relativa, pois a sua objetividade depende do seu uso em um determinado contexto. Com isso, pode-se afirmar que a semântica, a sintaxe e o uso pragmático da linguagem passaram a ser compreendidos como mais um “jogo de linguagem”, como descreveu Wittgenstein.

Para esse autor, o significado das palavras, dos objetos e das ações do indivíduo, somente, ganham sentidos a partir do jogo de linguagem — na prática da linguagem em um determinado contexto existencial. E, em seguida ele define jogo de linguagem como “o conjunto da linguagem e das atividades com as quais estão interligadas”. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 30). E, para exemplificar como este jogo acontece, ele indica algumas pistas, como: “o uso da palavra em um contexto”; “a forma de como a criança aprende a língua materna”; assim como “a linguagem primitiva”. (1999, p. 29-30).

Ao apontar para a existência do jogo de linguagem a partir da infância, Wittgenstein (1999) assinala esse jogo ocorre em diversos momentos e contextos existenciais diferentes, e está imbricado às formas de vida. (PRADO JÚNIOR, p. 32). Pois, o próprio Wittgenstein (1999, p. 129) afirma que “o uso do signo é o que dá vida a ele”. Com isso, ele ganha sentidos diferentes conforme o seu movimento dentro do jogo, podendo inclusive nascer novos significados, e até mesmo outros vir a desaparecerem.

Além disso, devido a sua manifestação possuir um caráter múltiplo e diverso, os jogos de linguagem ao se transformarem, transforma também as formas de vida. Isso porque ele é um modo de agir humano, uma prática existencial, que expressam atos comunicativos.



Dentro dessa perspectiva, e em consonância com essa compreensão de Jogo de linguagem, Packter (Caderno D) toma-a como referência para indicar as diversas formas como a noção de Armadilha Conceitual pode se configurar na malha intelectual dos partilhantes, na clínica.

Aqui, vamos com vagar e muita atenção, ok?
Vimos em Wittgenstein os “jogos de linguagem”.
Então, se estamos jogando xadrez e você anuncia um xeque ao meu rei, sei que, contra toda a afirmação possível, a primeira providência cabível é livrar meu rei de tal ameaça. É condição fundamental de continuidade ao jogo. Pois bem, vivemos em acordo quanto às propriedades que devem ser vigiadas e seguidas. Dependendo do cerco a que é submetido meu rei, talvez o xeque-mate seja iminente, contra quaisquer defesas possíveis, levando a peça à morte e encerrando o jogo. (PACKTER, CADERNO D, p. 32)

Neste sentido, pode-se afirmar que essa perspectiva pragmática da linguagem, possibilita o filósofo clínico a desenvolver uma análise categorial a partir da história de vida do partilhante. Isso porque é por meio das relações do partilhante com o mundo (circunstâncias), que os objetos, os outros, os animais, as histórias, as palavras vão constituindo como sentidos para ele; além do que a linguagem permeia o seu modo de ser e agir no mundo. E, partir de então, ele pode compreender os múltiplos modos de manifestação das tramas que a Armadilha Conceitual vai assumindo e constituindo; consolidando na EP de cada partilhante

Por isso, a armadilha conceitual foi analisada a partir dos conteúdos manifestos, que afetam o comportamento dos indivíduos — moldando as suas performances, os seus modos existenciais de ser. Mesmo não sendo descrições de relatos clínicos pessoais, os exemplos formulados por Packter indicam como este tópico configura-se de diferentes modos na EP dos indivíduos. Por isso, foram selecionados três dos seus exemplos para comportar estas análises.

Para compor a primeira configuração, Packter (Caderno E, p. 3) apresenta a seguinte descrição:

Uma mulher que tem um Papel Existencial ser boa mãe, o que para ela significa principalmente amar seu filho, e no entanto, os odeia e, ainda insiste em ser boa mãe, fazendo uma corrida para seu fim ao redor de si mesma sem jamais encontrar alívio ao sofrimento e à frustração que vivencia exatamente por consequência do que a habita. Esta mulher está em uma Armadilha Conceitual.

Mesmo que Packter tenha indicado a presença do Papel Existencial no conflito existencial desta mulher, é possível perceber a existência de outros tópicos, nesta



narrativa. Tais como: Emoções, Comportamento e Função e Paixão Dominante. O Papel Existencial relaciona-se, neste caso, com o tópico Comportamento e Função. O modo como ela assume a sua existência está vinculada ao papel de “ser boa mãe”. Este é o modo como ela se define. Em outras palavras, o seu comportamento está vinculado com a função de mãe.

Os tópicos Emoções e Paixões Dominantes também se encontram presentes na configuração desta Armadilha Conceitual. O tópico Emoções é perceptível a partir das expressões dos seus sentimentos em relação ao seu filho “amar seu filho, e no entanto, o “odeia”. Há uma relação entre os seus sentimentos e o assunto imediato ou último. Ademais, a presença do tópico Paixão Dominante pode ser notada no seguinte fragmento: “Fazendo uma corrida para o seu fim ao redor de si mesma sem jamais encontrar alívio ao sofrimento e à frustração que vivencia exatamente por consequência do que a habita” (PACKTER, CADERNO E, p. 3). A expressão “fazendo uma corrida para o seu fim ao redor de si mesma” é um indicativo da ideia de repetição. Há uma recorrência desse sentimento, uma repetição que a atormenta.

Nesta configuração fica explícito como o processo de repetição, característica marcante do tópico Armadilha Conceitual, modula o comportamento, as emoções, a ação dessa mulher.

A análise da segunda configuração tem-se como referência a seguinte descrição:

Vamos supor algo frequente em clínica: uma mulher divorciada que sustenta suas duas filhas com o salário que recebe na firma, conhece um homem por quem se enamora e que deseja casar com ela e sustentá-la financeiramente; isso a assusta. Ela entende que sua independência, sua liberdade, corre sério risco! Então procura por seus serviços de filósofo para trabalhar essa situação que para ela é desconfortável. (PACKTER, CADERNO H, p. 44).

Na configuração dessa Armadilha Conceitual encontram-se os tópicos Papel Existencial, Comportamento e Função, Em direção às Ideias Complexas, O que acho de si mesmo, Experimentação e Pré-juízos. Os dois primeiros referem-se à sua situação ou condição de “mãe de duas filhas”. A relação desta mulher com o trabalho está vinculada com a de manutenção da sua vida e a das suas filhas.

Abrir mão da sua “liberdade, independência financeira”, é o modo como ela se percebe, o que ela acha de si mesma. No entanto, ao mesmo tempo, essa mulher é tomada pelas ideias de que é livre e independente, sem as relacionar com a sua situação concreta e real de vida. Pelo exposto, a mãe e as suas duas filhas mantêm uma relação de



dependência, não de liberdade, como ela imagina possuir. Além disso, essa ideia de liberdade está relacionada à formação de um Pré-juízo, pois ela cria uma pressuposição negativa ou positiva diante do possível casamento. Portanto, a ideia formulada a partir do “risco que corre” - de perder a sua liberdade e independência financeira - é uma hipótese levantada diante da possibilidade de aceitar a proposta de casamento.

No entanto, a sua situação de “divorciada” e de “independente financeiramente” gera uma incômodo diante da possibilidade desse fato se repetir, ou seja, divorciar-se novamente e ter que refazer a sua vida economicamente.

A repetição, que caracteriza o tópico Armadilha Conceitual, encontra-se também em sua avaliação, fundamentada em pressuposições do que pode acontecer, haja vista que ela já vivenciou a situação de casada.

Esta configuração mantém semelhanças com a anterior quanto a condição existencial das pessoas mediante os Papéis Existenciais, que vivenciam e o Comportamento e Função, que desenvolvem. Assim como nas repetições de suas ações por forças das Emoções, dos Pré-juízos, da Paixão Dominante e de O que acha de si mesmo.

E, por fim, a terceira configuração da Armadilha Conceitual teve como referência a seguinte narrativa:

Ponderemos que Maria é uma moça agradável, culta e simpática para os padrões de sua cidade. Quando algum rapaz se aproxima e a convida para passear, ela se retrai e alega um compromisso prévio como desculpa para não ir. Isso a deixa infeliz, mas é o modo como seu intelecto reage coercitivamente a tal situação.

Vamos estruturar esquematicamente.

Pedro e Maria conversam no bar da faculdade assuntos referentes a provas e trabalhos semestrais. A moça está tranquila e aprecia o chimarrão em uma agradável manhã outonal.

Então Pedro inclui na conversação, de modo saudável e carinhoso para os padrões locais, o convite para uma peça de teatro à noite. Bem, desse instante até a retração de Maria vão três segundos, e ocorre um processo intelectual do qual ela não tem ciência, a não ser quanto ao resultado operatório. (PACKTER, CADERNO H, p.48-9).

Além dessas referências, Packter (CADERNO H, p. 52) acrescenta o seguinte relato: “Maria recordou de emoções fortes, quando se interessou por um rapaz, assim como da fala de sua avó, que dizia a ela: “Homem só serve para cama e para pular fora”. Diante disso, a configuração dessa Armadilha Conceitual pode ser descrita pelos entrelaçamentos dos tópicos Espacialidade: Inversão, Recíproca de inversão, Deslocamento curto, Deslocamento longo; Termos agendados no intelecto, Emoções, Ação; Em direção ao desfecho; Princípios de verdade; Pré-juízo.



O tópico Espacialidade: Inversão, Recíproca de inversão, Deslocamento curto e Deslocamento longo, podem ser encontrados no momento em que Maria, após ser convidada por Pedro “para passear, ela se retrai”. Segundo Packter, o instante da retração de Maria durou “três segundos, e ocorre um processo intelectual do qual ela não tem ciência”. Foi o tempo suficiente para que ela desloque a sua atenção da situação, que está vivenciando e foque em lembranças de vivências anteriores e do conselho da avó — que ao mesmo tempo é o tópico Termo agendado no intelecto. Concomitante ao processo de deslocamento, ocorre a lembrança dessas emoções fortes, que a mãe acaba vivenciando novamente, quando responde negativamente a Pedro. “Isso a deixa infeliz, mas é o modo como seu intelecto reage coercitivamente a tal situação.” É nesse momento, vivenciado em sua mente, que se faz presente o indicativo da presença do tópico Ação.

Além desses tópicos, esta configuração completa-se com a presença dos tópicos Em direção ao desfecho, Princípios de verdade e Pré-juízo. Maria assume como motivo para as suas respostas as vivências passadas e a fala da avó. Com isso, a sua resposta não leva em conta o seu real desejo e vontade naquele instante e as possibilidades abertas para experiências futuras, que podem ser diferentes daquelas que vivenciou no passado. Entrelaçado a estes tópicos encontra-se a situação de indecisão de Maria, que caracteriza o tópico em Direção ao desfecho.

Nesta configuração, assim como nas duas outras, a repetição é o elemento comum, o ‘traço’ que define o tópico Armadilha Conceitual. E, esse processo se manifesta na malha intelectual dos indivíduos de várias formas, ou melhor, de acordo com o contexto que cada indivíduo vive e realiza a sua existência. Dessas configurações é possível evidenciar que, por mais diversas e variadas que possam ser, elas mantêm uma característica comum determinada pelo contexto que os indivíduos as vivenciam.

Essas configurações e considerações acerca da noção de Armadilha Conceitual apresentaram uma, de suas duas dimensões — aqueles “conceitos malvados que se associaram de modo infeliz à existência da pessoa”. (PACKTER, CADERNO E, p. 3). Pois, são eles que limitam, forçam e encarceram os indivíduos em um circuito repetitivo, que diminui o desenvolvimento do fluxo das suas existências. São esses, os mais comuns na clínica. Há, no entanto, as Armadilhas Conceituais que são

boas e maravilhosas e lindas e formidáveis. Essas são as que me [conduz] a uma existência plena, feliz, harmoniosa sempre, com anjinhos tocando harpas, vinhos, mulheres santas e taradas ao mesmo tempo, e que as dez mil derrotas do Inter já não tivessem nenhum efeito



tóxico sobre mim. Seria uma doce armadilha conceitual. Amar, odiar, refletir um bilhão de vezes sobre a mesma idéia, coisas assim podem ser armadilhas conceituais. (PACKTER, CADERNO E, p.3).

Existem Armadilhas Conceituais que assumem várias configurações, e com uma diversidade de conjugações de tópicos. Elas pode ser de vários tipos: axiológicos, éticos, pré-juízos, emoções, epistemológicos, metafísicos etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de “jogo de linguagem” foi o fio condutor desta análise, pois com o estudo da pragmática da linguagem, cada indivíduo constrói a sua verdade a partir de um dado contexto. E, com isso, a referência de objetividade passa a ser compreendida, não somente, em uma perspectiva lógica, conceitual, mas no limiar da relação do indivíduo no mundo — é construída em um dado contexto.

O indivíduo, situado no meio em que vive estabelece relações consigo mesmo, e com o seu corpo, com os outros e com um ser transcendente — a partir de suas escolhas — e constrói para si mesmo justificativas, que o auxilia a resolver as suas vicissitudes existências. Em decorrência disso, ele molda o seu modo de agir e de se comportar, visto que essas resoluções o propicia sentimentos ou sensação de bem estar.

Todavia, o indivíduo, no percurso da sua existência, passa por adversidades, perdas, que o leva a ressignificar o significado da sua vida. Essas tribulações podem desencadear de algumas desestruturações em sua malha intelectual, que pode ou não vir a ser identificada como sendo Armadilha Conceitual. Pois, essa não se manifesta em decorrência das contradições da existência, mas também em situações de conforto e de prazer.

A Armadilha Conceitual caracteriza-se pelo processo de repetição de situações vivenciadas; de conceitos agendados e de sensação de incapacidade diante de situações futuras. A sua forma de se manifestar na malha intelectual do indivíduo é sutil e marcante, perceptível ou não. Ela não aparece de forma isolada, mas sempre está associada a outros tópicos da Estrutura de Pensamento do indivíduo.

Por isso, o Filósofo Clínico, em sua relação com o partilhante, precisa estar atento às sutilezas narradas em sua circunstancialidade de vida. Nela estão inscritas as suas ações e formas de comportamentos, que expressam o seu modo de ser atual. E, a configuração



de Armadilha Conceitual será identificada a partir das análises dessas narrativas, e não de forma a priori.

Isto é possível porque, como uma prática terapêutica filosófica a Filosofia Clínica encontra-se alicerçada em dois pilares, a saber: na historicidade e no da terapia personalizada. Ao partir da narrativa da história de vida do partilhante, que narra o seu conjunto de verdades e saberes, o filósofo clínico a analisa e compreende como a singularidade dele(a) manifesta-se em uma estrutura de pensamento que lhe é própria. Em seguida, elabora-se um processo terapêutico para o partilhante de forma personalizada; criada a partir dos dados existenciais do partilhante.

5 REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John Langsha. **Quando dizer é fazer**. Palavras e ação. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1990.
- IMAGURE, Guido. Apresentação. In: IMAGURE, Guido et. ill. (Org.) **Metafísica Contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MARCONDES, Danilo. A teoria dos atos de fala como concepção pragmática da linguagem. IN: MARCONDES, Danilo. **Revista Filosofia Unisinos** – n.7, v.3, p. 217-230, set/dez. 2006.
- MARCONDES, Danilo. **As armadilhas da linguagem**. Significado e ação para além do discurso. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- MARCONDES, Danilo. **Desfazendo mitos sobre a pragmática**. IN: MARCONDES, Danilo. *Revista ALCEU*, v.1, n.1, p. 38-46, jul/dez. 2000.
- MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MEDEIROS, Leonardo Ricco. **Filosofia Clínica, Aconselhamento filosófico, Saúde e Educação**. In: *Educação*, Batatais, v. 7, n. 1, p. 77-108, jan./jun. 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre história**. Tradução de Néli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.
- PACKTER, Lúcio. Caderno A. Filosofia clínica. Instituto Packter. In PACKTER, Lucio. **Filosofia Clínica: Uma Introdução à Psicoterapia Filosófica**. Porto Alegre, 1993.



PACKTER, Lúcio. Caderno D. Filosofia clínica. Instituto Packter. In PACKTER, Lucio. **Filosofia Clínica: Uma Introdução à Psicoterapia Filosófica**. Porto Alegre, 1993.

PACKTER, Lúcio. Caderno E. Filosofia clínica. Instituto Packter. Filosofia clinica. Instituto Packter. In PACKTER, Lucio. **Filosofia Clínica: Uma Introdução à Psicoterapia Filosófica**. Porto Alegre, 1993.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: propedêutica**. Porto Alegre: AGE Editora, 1997

PLATÃO. **Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)**. Tradução de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

WATZLAWICK, Paul; BEAN, Janet Helmick e LACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PRADO JÚNIOR, Bento. **Ipeístas**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.